

REPRESENTAÇÕES DO MITO NA HISTÓRIA E NA LITERATURA



ORGANIZAÇÃO

ANA LUÍSA VILELA, ELISA NUNES ESTEVES
FABIO MARIO DA SILVA, MARGARIDA REFFÓIOS

Mito e História: ausências presentes em *Beowulf*

LUÍSA AZUAGA e ANGÉLICA VARANDAS
(FLUL/CEAUL)
la@fl.ul.pt
angelicavarandas@sapo.pt

A história da Inglaterra dos séculos V e VI, que coincide com o período da invasão anglo-saxónica e da fixação das tribos germânicas no território, revela-se muito escassa quanto a fontes escritas contemporâneas.

De facto, já no século VIII, quando Bede (653-735) escreveu a sua *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (“História Eclesiástica do Povo Inglês”), como não conhecia qualquer outra, baseou-se numa única obra do século VI, *De Excidio et conquestu Brittanniae* (“Da Conquista e Ruína da Bretanha”) do monge bretão Gildas, morto, segundo a tradição, em 570.

Documentos originais desta época são, pois, raros, destacando-se de entre os poucos existentes, um poema, *Beowulf*.

Trata-se de um texto que não tem um título; não é um original; não se sabe exactamente quando foi escrito, nem se sabe por quem e, no entanto, tem sido objecto de inúmeras interpretações, sobrevivendo a mais de dez séculos, mantendo-se fonte de interesse e de estudo até aos nossos dias e destacando-se por ser um extraordinário relato épico, aliás, o mais antigo das línguas modernas da Europa Ocidental.

Possivelmente composto entre o século VI e o século VIII, este poema, em inglês antigo, chegou até nós numa única cópia, datada provavelmente do ano 1000.

Esta cópia faz parte de um manuscrito conservado, actualmente, na Biblioteca Britânica, em Londres, que é conhecido desde o século XVII como o Manuscrito Cotton Vitellius A. XV, ou o Manuscrito *Beowulf*.¹

Temos conhecimento do texto há relativamente pouco tempo. De facto, a primeira referência a este manuscrito data de 1705, altura em que apa-

¹ É o 15.º manuscrito da primeira prateleira da estante com o busto do Imperador Vitellius, na biblioteca de Sir Robert Cotton, um coleccionador da época isabelina.

rece citado num catálogo de manuscritos anglo-saxónicos elaborado por Humphrey Wanley. Em 1731 sabemos que foi parcialmente destruído pelo fogo; no entanto, não obstante o interesse pela literatura e cultura anglo-saxónicas ser relativamente recente, já em 1787 se fizeram duas transcrições do poema e, em 1820, apareceu a sua primeira tradução para uma língua moderna, o dinamarquês.

Durante vários anos o interesse por *Beowulf* foi puramente académico e centrou-se, principalmente, na sua vertente linguística e histórica, até que Tolkien, professor de anglo-saxão em Oxford, de 1925 a 1945, publicou um ensaio, *Beowulf: the Monsters and the Critics*, onde sublinha que os elementos fantásticos do poema (dragões, monstros e outros seres sobrenaturais) são o centro da narrativa e devem ter um papel central na obra, argumentando que, nas lutas contra tais criaturas, o poeta espelha com mestria a vida humana nesta terra.

Assim, *Beowulf* merece ser lido não apenas como um documento histórico ou linguístico, mas também como uma obra de arte.

Tanto a data como o lugar da sua composição são incertos: a Inglaterra anglo-saxónica, em território angliano? Talvez na Nortúmbria, no tempo de Bede, talvez em Mercia, no tempo do rei Offa, sem dúvida, um poema angliano, de que apenas sobreviveu uma cópia, mas evidenciando muitos traços do dialecto do Wessex, o saxão ocidental.

Note-se, entretanto, que, para a compreensão do poema, tão importante como investigar e obter respostas quanto à sua origem temporal e geográfica é considerar o seu contexto de produção, o ambiente cultural em que foi composto e apresentado.

Quem é, então, o público a quem o poeta se dirige, logo no início?

Referindo o estudo de Patrick Wormald “Bede, *Beowulf* and the Conversion of the Anglo-Saxon Aristocracy” (1978), onde se propõe uma comunidade inglesa cristã que ainda mantivesse muitas das suas tradições germânicas, Mitchell e Robinson (1998: 13) afirmam que a nobreza guerreira inglesa do século VIII era essa mesma comunidade.

Chegados a este ponto, gostaríamos de chamar a atenção para dois factos:

- 1) a acção do poema situa-se fora da Inglaterra: em *Wedermearc* (l. 298), a terra dos *Geats*, em *Swiorice* (ll. 2383, 2495) a Suécia, *Scedenig* (l. 1686) a parte mais a sul da península sueca, sob o domínio dos dinamarqueses, *Freslond* (l. 2357) a Frísia, nos Países baixos, e outras terras do continente, e
- 2) as personagens não são inglesas: são os *Scyldingas* (l. 58), os descendentes de Scyld, o fundador da dinastia real dos Dinamarqueses, os *Geatas* (l. 1173), uma tribo escandinava, os *Wendlas* (l. 348), Vandalos,

os *Francon* (l. 1210), os Francos, e os seus vizinhos, os povos mencionados em *Beowulf* (Mitchell e Robinson 1998: 38).

Repare-se, ainda, no relato do *raid* nórdico à Frísia, comandado pelo tio de Beowulf, Hygelac, o rei dos *Geats*, morto em combate pelos Francos; provavelmente trata-se do único acontecimento autêntico e datável do poema, pois esse mesmo episódio não só é também narrado por Gregório de Tours, o conhecido historiador galo-romano, em *Decem Libri Historiarum* (“Dez Livros de História”), conhecido mais tarde por *Historia Francorum* (“História dos Francos”), como aí é associado a uma data, ou seja, c. 520.

Perante este facto, *Beowulf* terá, então, sobrevivido na tradição oral, e desse modo, sido transportado nos barcos que trouxeram os Saxões para a Grã-Bretanha, para vir a ser composto no período anglo-saxónico, após a cristianização, iniciada em 597 pelo monge Agostinho de Cantuária.

Porque apenas se conhece a realidade do rei Hygelac, poderemos considerar as práticas e o estilo de vida aristocráticos descritos em *Beowulf* como meras alegorias literárias?

Heorot, o magnífico salão real de Hrothgar, com as paredes cobertas de tapeçarias, onde, ao som do bardo e da sua harpa, os guerreiros, vestidos de valiosos equipamentos de guerra, se deliciavam nos festins regados de hidromel, essa bebida famosa entre os guerreiros nórdicos, tudo isto terá sido pura ficção?

E a descrição do esplêndido funeral do rei Scyld Scefing, fundador da dinastia dos Dinamarqueses, repleto de tesouros e de escudos e de espadas, e o próprio funeral de Beowulf, também ele pleno de tesouros e armas, será também apenas fruto da imaginação do poeta?

Acontece que a arqueologia funerária, tanto na Inglaterra, em Sutton Hoo, como na Suécia, em Vendel, juntamente com a escavação de alguns sítios, como o salão real descoberto em Yeavering, na Nortúmbria, consolidam o poema enquanto fonte histórica.

Assim, além do seu valor literário, é inegável que *Beowulf* possui um considerável valor histórico para o estudo da sociedade anglo-saxónica.

Nele encontramos narrados com rara beleza poética, vivacidade e realismo, a concepção de justiça, a tradição do pagamento da *Wergild*, o ideal guerreiro, a descrição pormenorizada dos rituais funerários germânicos, sendo até provável que parte da narrativa e algumas personagens, para além de Hygelac, provenham de um fundo histórico verdadeiro.

O poeta e o seu público olham para trás no tempo, contemplando lugares de onde vieram os seus antepassados, os fundadores da *Englaland*.

No entanto, uma pergunta fica no ar: por que razão este poema produzido em Inglaterra, que nos fornece tanta informação relevante sobre os

Anglo-saxões, numa altura em que estes ocupavam o território já, provavelmente, há mais de trezentos anos, não descreve acontecimentos históricos ingleses, nem alude a heróis de origem inglesa?

Toda a acção de *Beowulf* se situa nas regiões da antiga Escandinávia, e o factor histórico que está presente, ou seja, todo o espírito guerreiro que ainda enforma esta sociedade, afinal, manifesta-se por meio da sua ausência.

Qual será, então, o papel deste texto na sociedade anglo-saxónica na altura da sua composição?

No século VIII, esta é uma sociedade que se encontra sobre frequente ameaça de ataque por outras tribos germânicas, os Vikings.

Era importante manter o povo coeso para resistir a esses ataques. Cantada pelo *scop* com a função de entreter e instruir, a poesia unia o grupo para uma experiência em comum, era um símbolo de resistência.

Recordamos aqui as palavras de Simon Goldhill que, embora estudando outra cultura, ao analisar a tragédia grega (*Love, Sex and Tragedy*, Chicago: University of Chicago Press, 2004), chama a atenção para o facto de as peças serem sempre encenadas no território do outro: outros lugares, outros tempos, outros povos, considerando a propósito que, no distanciamento geográfico e temporal, elas servem de modelo e aviso.

Vemos o mesmo acontecer em *Beowulf*, onde o mundo ficcional serve de paradigma ao revelar como as infracções ao ideal guerreiro, os atropelos da justiça e os comportamento bárbaros dos antepassados os levaram à ruína; no entanto, na escolha do tema, e nos pormenores apresentados, como, por exemplo, os mecanismos de origem e manutenção do poder real, o ideal de excelência na conduta do rei, chefe guerreiro cercado pelos seus pares, que lhe prestam serviço em troca da sua generosidade, sentimos que a velha tradição oral, sujeita a revisão é certo, mesmo desafiada e desconstruída, se perpetua e influencia. Como num salão de espelhos, a nossos olhos, o reflexo do herói muda com o tempo, em seu próprio tempo, revelando uma cultura germânica anglo-saxónica que ainda não se alterou por completo, mas que aprende a apreciar a nova ordem proposta pelo cristianismo.

O público a que o poeta se dirige não perdeu ainda os traços germânicos, nem tão pouco ignora os seus mitos, todavia começa a criar para si um caminho alternativo.

O primeiro verso de *Beowulf* – *We Gar-dena in gear-dagum* “The Spear-Danes in days gone by” – anuncia que a história contada teve lugar num passado que remonta à chegada de Scyld Scefing à Dinamarca, onde funda a dinastia dos Dinamarqueses, da qual Hrothgar é descendente.

Este início não só revela uma preocupação de ordem genealógica e a necessidade de legitimar, em termos históricos, a linhagem de Hrothgar, mas também envolve a narrativa numa dimensão mítica: quem é Scyld Scefing?

De onde veio? Para onde o leva o barco funerário lançado ao mar, o mesmo mar de onde chegara, de forma tão misteriosa, à Dinamarca? E quanto a Beow, filho de Scyld? Estará o seu nome relacionado com o nome comum *beow* que significa “grão”?² Será este antepassado, Beow, um deus da cevada, associado a antigos rituais agrícolas de fertilidade?

E o que dizer do próprio *Beowulf*, homem-urso, de grande estatura, com a força de trinta guerreiros? Estará ele relacionado com velhos mitos de criação?

Muitas são as perguntas que se podem fazer em relação à presença do mito em *Beowulf*. Até há pouco tempo, a crítica dedicou-se com afinco a tentar descortinar no poema os mitos que lhe deram origem, defendendo teorias baseadas nas perspectivas de Jung, Frazer, Campbell ou Weston.

Do mesmo modo, tem-se chamado a atenção para a dívida de *Beowulf* para com a) a mitologia germânica, dada a origem dos Anglo-saxões; b) para com a mitologia celta, uma vez que, por terem sido os habitantes do território britânico antes da ocupação germânica, os Celtas entraram, inevitavelmente, em contacto com os Anglo-saxões; e c) para com os mitos indo-europeus em geral, por pertencerem os Anglo-saxões à linhagem indo-europeia.

A esta demanda pelas raízes míticas e mitológicas de *Beowulf* junta-se a presença do cristianismo no poema e, por conseguinte, a importância dos mitos judaico-cristãos na sua estrutura narrativa.

A todos estes universos míticos e mitológicos o poema parece fazer apelo sem que, todavia, nenhum deles se encontre expressamente presente no texto.

Em 1936, J. R. R. Tolkien escreveu um artigo, já antes por nós mencionado, que é hoje incontornável para quem lê e interpreta *Beowulf*, dado ter revolucionado a forma como até então se olhava para o poema. Em *Beowulf: the Monsters and the Critics*, Tolkien vem acentuar a filiação do poema à mitologia germânica, que se encontra implícita em diversos momentos da narrativa, ainda que o texto tenha sido vertido para forma escrita em contexto monástico e, logo, já após a cristianização dos Anglo-saxões.

Na verdade, é de ter em conta que a acção de *Beowulf* decorre nas terras da antiga Escandinávia, local de origem das tribos anglo-saxónicas que ocuparam o território inglês a partir do século V. E, embora o manuscrito que contém o poema date do século X, a narrativa terá certamente circulado por via oral, em Inglaterra, numa altura próxima da cristianização destes povos bárbaros que entraram em contacto quer com a Igreja de Roma quer com o cristianismo celta, a partir do século VI. No entanto, o paganismo em Inglaterra não foi rápida e imediatamente suplantado pela religião cristã.

² Palavra que corresponde ao dinamarquês antigo *beggw*, o nome de um deus que garantia o crescimento da cevada.

As sucessivas investidas dos Vikings, que se foram instalando em território inglês entre os séculos VIII e XI, contribuíram para a reintrodução do paganismo germânico entre os Anglo-saxões, mesmo após a cristianização levada a cabo por Santo Agostinho de Cantuária e as visitas dos missionários celtas cristãos.³

É, pois, nesta fase muito particular de cruzamento entre os mitos pagãos de origem germânica e a nova cultura judaico-cristã que o poema é concebido, revelando, deste modo, características únicas no âmbito da literatura medieval produzida em Inglaterra.

Beowulf parece, assim, situar-se na intersecção de vários vectores dicotómicos: oral/escrito, literatura/história, épica/elegia e paganismo/cristianismo.

A referência ao contexto de produção do poema e sua cristalização em forma escrita torna-se fundamental pois é dele que, em grande medida, depende a nossa compreensão dos seus temas e motivos. Para além disso, o vector paganismo/cristianismo é de particular importância, uma vez que é a partir desta intersecção que podemos reflectir sobre a singular presença do mito no poema. Dizemos singular pois, tal como acontece relativamente ao factor histórico, também neste caso, a presença do mito se manifesta por meio da sua ausência.

Ainda que o poema possua, como diz Tolkien, uma filiação com a mitologia germânica, a única figura dessa mitologia mencionada em *Beowulf* é o ferreiro Weland (l. 455), não existindo qualquer outra referência a deuses específicos, nem do panteão escandinavo, nem de uma possível mitologia inglesa.

Os Anglo-saxões não desenvolveram, em Inglaterra, mitos autóctones, deixando o país sem uma mitologia nacional. Terão, porventura, continuado a prestar tributo aos deuses da sua zona de origem, mas esses nunca são referidos.

De facto, sabemos que os Anglo-saxões teriam, decerto, desenvolvido o culto de deuses escandinavos, ou não estariam os nomes dos dias da semana, na língua inglesa, associados a deuses específicos da mitologia germânica. Todavia, não fazemos ideia de como decorreriam esses cultos e quais os mitos que lhes deram origem, embora haja sempre a tentação de associar o paganismo inglês com a mitologia dos Viking:

Much as one is tempted to associate with the age of pre-Christian English heathendom the colourful stories that the Vikings later told about frost giants,

³ Contudo, nem mesmo a manutenção da mitologia escandinava em Inglaterra durante o período Viking se reflectiu na literatura do inglês antigo, como afirma John Niles (1991: 127): "(...) the Vikings imported their mythology to England, though without much effect on Old English imaginative literature."

Odin's eye and the final cataclysm of Ragnarok, there is no evidence that such tales had currency in England before the Viking age (Niles, 1991: 127).

Uma vez que os Anglo-saxões não recorreram à escrita para registar as suas crenças, histórias e canções, essas apenas chegaram até nós, em segunda mão, por intermédio do cristianismo.

Todavia, ao longo do poema, existem alusões dispersas a práticas e cultos pagãos: o funeral de Scyld Scefing (l. 27 e seguintes), que abre o poema e que antecipa o funeral de Beowulf, que o encerra; o enterro de tesouros e talismãs (l. 2233 e seguintes), a utilização de javalis de bronze no cimo dos elmos (l. 303 e seguintes; 1111 e seguintes, 1286, 1451 e seguintes e 2152) e, acima de tudo, as oferendas a deuses em santuários pagãos (l. 175 e seguintes).

Para além destas alusões, há momentos que parecem apontar para certos aspectos da mitologia escandinava, mas não existe nada que comprove essa associação. Não sabemos, pois, se os corvos referidos em *Beowulf* são os corvos de Odin, se os rituais relacionados com a bebida e o transporte da taça de hidromel no salão de Heorot se encontram ligados ao mito de Yggdrasil, a árvore do mundo, ou se Beowulf, na luta contra o dragão, se assemelha a Thor, combatendo a serpente de Midgard.

Da mesma maneira, o poema também não revela a presença dos mais paradigmáticos elementos da mitologia judaico-cristã. Ainda que existam referências à Criação, a Caim e ao Dilúvio, não são mencionados a Virgem Maria, Cristo, episódios da vida do Redentor, a Santíssima Trindade ou a Eucaristia.⁴

Como explicar, então, o facto de o poema possuir uma dimensão mítica aparentemente evidente na ausência de qualquer alusão a mitos ou figuras mitológicas particulares?

Durante muito tempo, a crítica considerou que o texto começou por ser totalmente pagão, possuindo referências explícitas a mitos de origem germânica, obliteradas pelos monges que, pela primeira vez, o verteram à forma escrita. Teriam sido estes mesmos monges a incluir, no texto, os passos que aludem a episódios bíblicos, na tentativa de adaptar o poema à nova mundividência judaico-cristã.

No entanto, como vimos, essas supostas interpolações são, também elas, esparsas e tão enigmáticas como as próprias alusões a elementos do passado pagão.

É, mais uma vez, Tolkien quem vem defender que a inexistência de sugestões óbvias quer à mitologia pagã quer cristã se deve ao facto de o poeta, embora cristão, situar a acção da sua narrativa num passado heróico

⁴ O poema não se revela, pois, ainda como alegoria.

pagão, tentando conciliar as duas perspectivas. O poema viria, então, no seu entendimento, reflectir sobre a vida do homem num mundo, onde ainda não existe a certeza de que é possível alcançar a eterna bem-aventurança, graças ao sacrifício de Cristo: “The author of *Beowulf* showed forth the permanent value of the *pietas* which treasures the memory of man’s struggles in the dark past, man fallen and not yet saved, disgraced but not dethroned” (Tolkien 1983: 23).

O que se encontra implícito nesta afirmação de Tolkien, que vem, uma vez mais, inverter a tendência da crítica, é que não terá existido uma obliteração dos aspectos originalmente pagãos do poema e a introdução de elementos cristãos *a posteriori* para veicular uma nova ideologia religiosa, mas, pelo contrário, os elementos cristãos encontram-se de tal maneira entrelaçados e fundidos com os aspectos pagãos que se torna impossível dizer qual dessas mundividências predomina, pelo que terão estado presentes, em simultâneo, na concepção do poema.

É este cruzamento entre ambos que torna ambíguos alguns passos do texto, sendo o mais paradigmático aquele que se detém no funeral de Beowulf:

Him ða gegiredan ad on eorðan (...) alegdon ða tomiddes hæleð hiofende, Ongunnon þa on beorge wiegend weccan; sweart ofer swioðole, (...) Heofon rece swealg.	Geata leode unwaelicne, mærne þeoden hlaford leofne. bælfyra mæst wudu-rec astah,
---	--

The Geat people built a pyre for Beowulf,
(...)
Then his warriors laid him in the middle of it,
Mourning a lord far-famed and beloved.
On a height they kindled the hugest of all
Funeral fires; fumes of woodsmoke
Billowed darkly up (...)
Heaven swallowed the smoke.

(l. 3137, l. 3141-3144, l. 3155)

Ao afirmar que o céu engole o fumo que se ergue da pira funerária do herói, estes versos tanto podem ser tomados no sentido literal – o herói morreu, o seu corpo foi cremado – ou em sentido simbólico – o céu acolhe a alma de Beowulf após a sua morte.

Nunca se torna realmente explícito em qual dos universos se movem as personagens: não sabemos se serão salvas ou punidas no Dia do Juízo Final ou se, pelo contrário, se submetem às malhas de um destino inexorável que trará a morte inevitável a todas elas, sem que se vislumbre o que possa estar para além dessa morte.

As presenças ausentes, tanto do mito como da história, em *Beowulf* encontram-se, pois, entretecidas na própria estrutura narrativa do poema, colaborando para a sua idiossincracia no panorama quer da literatura anglo-saxónica quer da própria literatura medieval inglesa.

Não queríamos deixar de salientar, porém, que, tal como acontece com as outras intersecções de que falámos, nomeadamente oral/escrito, literatura/história, épica/elegia e paganismo/cristianismo, o cruzamento entre mito e história revela-se igualmente indissociável. Isto significa que, do mesmo modo que não podemos separar paganismo, para um lado, e cristianismo, para o outro, também se torna impossível dissociar o mito da história e vice-versa, uma vez que a dimensão mítica do poema se associa a elementos de natureza histórica e a própria história, por sua vez, se alicerça em mitos, como verificámos relativamente ao episódio de Scyld Scefing e da fundação da dinastia dos Dinamarqueses. Para além disso, ambos revelam a preocupação do poeta por temas tão centrais quanto a sucessão dinástica, o código aristocrático, as guerras entre clãs e discórdias entre familiares, apenas para citar alguns casos.

Neste sentido, o poema parece, em larga medida, aproximar-se da técnica do *interlace* característica da arte anglo-saxónica, entrelaçando, de forma única e singular, elementos que, à partida, poderiam parecer distintos e tornando os mitos ausentes da narrativa em histórias marcadamente presentes.

Referências bibliográficas

- IRVING Jr., Edward B. “Christian and Pagan Elements”. Harold Bloom (ed.), *Beowulf, Bloom’s Modern Critic Interpretations*. New York: Chelsea House Publishers, 2007, 121-138.
- GOLDHILL, Simon. *Love, Sex and Tragedy*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- MITCHELL, Bruce and ROBINSON, Fred. *Beowulf, An Edition*. Oxford: Blackwell, 1998.
- NILES, John D. “Pagan Survivals and Popular Beliefs”. Malcom Godden and Michael Lapidge (eds.), *The Cambridge Companion to Old English Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991, 126-141.
- NILES, John D. “Myth and History”. Harold Bloom (ed.), *Beowulf, Bloom’s Modern Critic Interpretations*. New York: Chelsea House Publishers, 2007, 139-158.

OSBORN, Marijane. *Beowulf: A Guide to Study*. Oregon: Wipf and Stock, 1986.

TOLKIEN, J. R. R. "Beowulf: The Monsters and the Critics". Christopher Tolkien (ed.), *The Monsters and the Critics and Other Essays*. London: HarperCollins Publishers, 1983.

WORMALD, Patrick. "Bede, *Beowulf* and the Conversion of the Anglo-Saxon Aristocracy". Robert Farrell (ed.), *Bede and Anglo-Saxon England*. Oxford, 1978, 32-95.